

2005/09/02

## MILITARY POWER

Alexandre Reis Rodrigues

Existe a convicção generalizada de que tudo está a mudar na forma de conduzir as campanhas militares. Porém, para Stephen Biddle, professor associado no Instituto Superior de Estudos Estratégicos do Exército americano e prestigiado autor de variados trabalhos da área da política de Defesa e de Relações Internacionais, não está em curso, nem sequer está para ocorrer proximamente, aquilo que já se convencionou chamar “Revolução dos Assuntos Militares”, implicando drásticas alterações de doutrina e conceitos.



Biddle, embora reconhecendo mudanças, obviamente inevitáveis, considera que a sua importância tem sido exagerada e que geralmente se minimiza o que afinal é uma situação de continuidade doutrinária que vem desde o fim da 1ª Grande Guerra, quando, finalmente, foi possível quebrar o impasse da guerra de trincheiras.

Para este académico, foi durante esse conflito que, num processo evolutivo, se assentou num conjunto de ideias básicas sobre métodos de operar efectivamente perante um poder de fogo radicalmente letal; essas ideias têm permanecido válidas até aos dias de hoje e nada indica que se irão alterar proximamente. A sua essência resume-se a três conceitos simples mas nem por isso menos decisivos: reduzir a exposição ao fogo inimigo, garantir a possibilidade de movimentação própria e atrasar a do inimigo.

“Sistema Moderno” (*Modern System*) é a designação que o autor usa para identificar o padrão básico de emprego de forças então criado e desde aí assumido até aos nossos dias. A principal ideia em que se baseia – combinação de acções de supressão com manobra para permitir o avanço perante o fogo inimigo – não era inteiramente nova mas até então não tinha sido possível resolver os problemas técnicos associados ao controlo de fogo e de manobra de pequenas unidades de infantaria.

Para Biddle, o único acontecimento capaz de desafiar o “Sistema Moderno” é a eventual possibilidade de se vir a conseguir tornar irrelevantes as questões associadas à configuração e natureza do terreno (isto é, torná-lo transparente à vista e ao fogo)[1]. Os advogados da “Revolução dos Assuntos Militares” acreditam que esse objectivo já não está longe e que, em breve, será viável, conforme previsto há alguns atrás, ver e destruir o que quer que seja numa área de 300 por 300 quilómetros; para o autor, porém, isso não está próximo devido, entre outros motivos, à opacidade permitida por algumas possibilidades de cobertura ou dissimulação, à mistura de forças combatentes com população e ao receio de danos colaterais em áreas urbanas.

Biddle apresenta a sua tese no livro *“Military Power – Explaining Victory and Defeat in Modern Battle*, publicado em 2004. Contrariamente à ideia geralmente disseminada de que a vantagem tecnológica e a vantagem numérica (preponderância, para usar o termo empregue no livro) são as chaves dos sucesso militar na actualidade, o autor, recorrendo a métodos e modelos de análise muito elaborados, incluindo ferramentas de simulação, procura demonstrar que o mais importante e decisivo dos três elementos da capacidade militar[2] é aquilo que designa por emprego de forças – doutrina e conceitos – ou seja, aquilo que determina como os recursos devem ser empregues.

Geralmente, as avaliações sobre capacidade militar centram-se nos aspectos materiais: quem tem mais efectivos, quem tem melhor armamento, quem dispõe de vantagem tecnológica, etc. Para Biddle, porém, os aspectos materiais, por si só, não chegam para caracterizar uma capacidade militar. É necessário ter em conta que existem outras variáveis de natureza não material e analisar a forma com interagem todas em conjunto. Estas variáveis, do âmbito de emprego de forças, podem permitir compensar desvantagens substanciais em aspectos materiais e, por isso, são, para o autor, o mais influente elemento de uma capacidade militar. Nem a superioridade numérica nem a superioridade tecnológica nas mãos de “sistema militar não moderno” (isto é, que não utilize os ensinamentos atrás referidos) poderá vencer um oponente que tenha adoptado a “teoria moderna”.

Obviamente, a tecnologia e a preponderância numérica continuam a interessar mas a sua importância é bem menor do que geralmente é assumido. Para demonstrar a sua teoria, Biddle recorre a uma análise de três operações militares, que descreve em capítulos separados ao longo

do livro: a Operação *Michael* durante a 1ª Grande Guerra, (1918) a Operação *Goodwood* na 2ª Grande Guerra (1944) e, finalmente, a Operação *Desert Storm* (1991), que, para muitos observadores, trouxe, como principal lição, a ideia de que a tecnologia se tinha tornado o elemento decisivo de uma capacidade militar moderna. Porém, para Biddle, esta conclusão é inconsistente com a forma como a guerra foi de facto conduzida o que, aliás, demonstra de forma bem documentada.

Eventuais mudanças radicais nas estruturas de forças para dar maior ênfase à capacidade de efectuar ataques de precisão a longa distância, assentando sobretudo no poder aéreo, são para o autor decisões arriscadas. Embora adequadas contra oponentes que não tenham adoptado a doutrina de emprego de forças do “sistema moderno”, não serão apropriadas contra adversários que tenham conseguido implementar com sucesso técnicas de redução da sua exposição ao fogo inimigo. Porém, há mudanças a levar a cabo tendo em conta que o combate próximo será cada vez menos em terreno aberto e que cada vez mais contra forças que tenham conseguido implementar com sucesso técnicas para sobreviver e contra atacar um inimigo que use o fogo a longa distância. A melhor opção contra esses oponentes será uma força ligeira de infantaria, apostando menos no peso da blindagem para a sua sobrevivência.[3]

Em resumo, Biddle procura demonstrar que não há nem está à vista nenhuma descontinuidade na natureza da guerra em resultado da adopção contínua de novas tecnologias. No passado, também houve inovações tecnológicas que se imaginou iriam provocar uma revolução na forma de conduzir a guerra (a metralhadora, o torpedo, o avião, etc.) mas isso não veio a verificar-se. Não há nenhuma razão para supor, bem pelo contrário (insiste o autor), que o que está a acontecer em termos tecnológicos seja suficiente para desencadear a tão falada Revolução dos Assuntos Militares.

Como esclarecimento final, gostaria de deixar claro que este comentário limita-se a chamar a atenção para a principal mensagem contida no livro “*Military Power*”, não entrando nos detalhes de um cuidado e aprofundado trabalho que merece toda a atenção dos estudiosos dos assuntos militares.

[1] “Prospects for change: the key requirement would be the capacity to make terrain irrelevant. The complexity of the Earth’s surface, the opacity of much of its cover to sensors, the cluttered, intermingled nature of the background it creates for surveillance, and the ability of terrain to obstruct fire are what create the potential for modern-system force employment to defeat firepower and slow movement. If it really did become possible to see and destroy anything on the Earth’s surface regardless of cover and concealment or intermingling, then force employment would lose much of its importance, and either superior technology or numerical preponderance would come to dominate continental warfare.” (página 72).

[2] Os outros dois são a tecnologia e o número de efectivos, como se viu acima.

[3] “This does not imply that any given force design is the best choice; “lighter” surely makes sense, but how much lighter is a question beyond the scope of the current inquiry” (nota nº 49 ao texto do capítulo 10).

## **47 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2012/02/03**

### **CLAUSEWITZ’S PARADOXICAL TRINITY AND THE FAILURE OF NAPOLEON IN PORTUGAL**

*Luís Falcão Escorega*[1]

**2011/11/07**

### **OS DESAFIOS ACTUAIS ÀS INFORMAÇÕES MILITARES**

*Rui Vieira*[1]

**2011/05/16**

### **CONTRIBUTOS DO PODER AÉREO EM OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO, SEGURANÇA, TRANSIÇÃO E RECONSTRUÇÃO (II PARTE)**

*João Nunes Vicente*[1]

**2011/05/15**

### **CONTRIBUTOS DO PODER AÉREO EM OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO, SEGURANÇA, TRANSIÇÃO E RECONSTRUÇÃO (I PARTE)**

*João Paulo Nunes Vicente*[1]

**2010/02/19**

### **TOWARDS A HOLISTIC VIEW OF WARFARE**

*João Vicente[1]*

**2010/02/16**

**DAS “NOVAS CRISES”:** BREVES CONTRIBUTOS PARA A SUA CLARIFICAÇÃO CONCEPTUAL

*Luís Falcão Escorrega[1]*

**2008/11/05**

**NA PROCURA DO ALVO: A UTILIDADE DA FORÇA**

*Pedro Brito Teixeira[1]*

**2008/04/02**

**A RELEVÂNCIA ESTRATÉGICA DO PODER AÉREO NUMA APROXIMAÇÃO ÀS OPERAÇÕES BASEADA EM EFEITOS[1] (PARTE II)**

*João Vicente*

**2008/04/01**

**A RELEVÂNCIA ESTRATÉGICA DO PODER AÉREO NUMA APROXIMAÇÃO ÀS OPERAÇÕES BASEADA EM EFEITOS[1] (PARTE I)**

*João Vicente*

**2007/12/16**

**PARA ALÉM DA GUERRA[1]**

*Sandro Mendonça[2]*

**2007/11/11**

**WAR IN THE XXI CENTURY[1]**

*Francisco Proença Garcia*

**2007/08/03**

**O CÓDIGO DO SILÊNCIO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/06/18**

**DE COMO OPINAR COM CREDIBILIDADE ACERCA DAS FORÇAS ARMADAS. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*João Pires Neves[1]*

**2007/06/11**

**AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO. (2ª PARTE) (I-A)**

*João Pires Neves[1]*

**2007/06/04**

**AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO.**

*João Pires Neves[1]*

**2007/05/30**

**OPERAÇÕES EM REDE. CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO[1]**

*João Nunes Vicente [2]*

**2007/05/28**

**AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E A FORMAÇÃO” (IV)**

*João Pires Neves[1]*

**2007/05/20**

**AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E A MOTIVAÇÃO (III)**

*João Pires Neves[1]*

**2007/05/14**

**AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E OS QUADROS DE PESSOAL (II)**

*João Pires Neves[1]*

**2007/05/07**

**AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E AS NECESSIDADES ORGANIZACIONAIS (I)**

*João Pires Neves[1]*

2007/04/30

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. A COMPONENTE FIXA E A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS (3ª PARTE) (VI-B)**

*João Pires Neves[1]*

2007/04/20

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. A COMPONENTE FIXA E A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS (2ª PARTE) (VI-A)**

*João Pires Neves[1]*

2007/04/16

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. A COMPONENTE FIXA E A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS (1ª PARTE) (VI)**

*João Pires Neves[1]*

2007/04/09

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SFN E A PROGRAMAÇÃO MILITAR [V-A]**

*João Pires Neves[1]*

2007/04/02

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SFN E A PROGRAMAÇÃO MILITAR (V)**

*João Pires Neves[1]*

2007/03/26

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS (1997), O 11 DE SETEMBRO DE 2001 E O SISTEMA DE FORÇAS (2004) (IV)**

*Autor: João Pires Neves[1]*

2007/03/19

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS E A SUA ESTRUTURA ORGANIZATIVA (2ª PARTE) (III.A)**

*João Pires Neves[1]*

2007/03/12

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS E A SUA ESTRUTURA ORGANIZATIVA (1ª PARTE) (III)**

*João Pires Neves[1]*

2007/03/06

**AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS NACIONAL, O PLANEAMENTO E AS SENSIBILIDADES (II)**

*João Pires Neves[1]*

2007/02/27

**AS FORÇAS ARMADAS E A ”ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS. A GRANDE REFERÊNCIA. (I)**

*João Pires Neves[1]*

2007/02/24

**COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (II PARTE)**

*Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves*

2007/02/23

**COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (I PARTE)**

*Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves*

2007/02/21

**REPÓRTERES DE GUERRA. FORMAÇÃO[1]**

*Paulo Sales Grade*

2007/02/16

**AS FORÇAS ARMADAS E O “AMBIENTE NACIONAL” (II)**

*João Pires Neves[1]*

2007/02/12

**AS FORÇAS ARMADAS E O AMBIENTE INTERNACIONAL (I)**

*João Pires Neves[1]*

**2007/02/05**

**AS FORÇAS ARMADAS – A “FINALIDADE E A MISSÃO”**

*João Pires Neves[1]*

**2007/02/04**

**OPERAÇÕES BASEADAS EM EFEITOS: O PARADIGMA DA GUERRA DO SÉCULO XXI[2]**

*João Vicente[1]*

**2007/01/29**

**DE COMO OPINAR COM CREDIBILIDADE ACERCA DAS FORÇAS ARMADAS**

*João Pires Neves[1]*

**2006/11/23**

**LAS GUERRAS QUE NOS VIENEN**

*Miguel Fernández y Fernández [1]*

**2006/10/26**

**O DIREITO À GUERRA JUSTA[2]**

*João Vicente[1]*

**2006/10/22**

**TENDÊNCIAS DAS COMPONENTES TERRESTRES DAS FORÇAS ARMADAS**

*Miguel Moreira Freire*

**2006/10/19**

**A UTILIDADE DA FORÇA. A ARTE DA GUERRA NO MUNDO MODERNO[1]**

*Miguel Moreira Freire*

**2006/07/30**

**LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]**

*Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)*

**2006/05/25**

**FORMACION Y TRANSFORMACION MILITAR**

*Miguel Fernández y Fernández[1]*

**2006/01/17**

**O EMPREGO DO PODER NAVAL NO SÉCULO XXI**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/04/23**

**CONTRIBUTOS PARA O EMPREGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA NA LUTA CONTRA-SUBVERSIVA  
ACTUAL**

*Francisco Proença Martins com ...*

**2004/04/04**

**DISSUAÇÃO OU PREVENÇÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*